

869.8

S726an

A

857,421

PROPERTY OF

*The  
University of  
Michigan  
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS





# O ANJO DO PUDOR



SOUSA VITERBO, Francisco Marq.  
=====

# O ANJO DO PUDOR

## POEMA

---

TYPGRAPHIA

PEREIRA DA SILVA

Praça de Santa Thereza, 63

—  
PORTO, 1880

869.8  
5726 an

869.8  
5726 an

63-394054

## **DEDICATORIA**



Tudo me leva a crêr  
que da porção mais fina  
d'algum ethereo sér  
é formada tua alma alabastrina !

Percebe-se atravez da tua cutis,  
lá por dentro, uma luz mysteriosa.  
Não sei que medo incutes...  
oh ! medo, não ; assombro  
a quem a vez primeira  
te vê silenciosa,  
levemente inclinado o fino hombro  
á verde laranjeira !

Onde escondeste a aza,  
mensageiro ideal d'um casto amor?  
Feliz de quem se abrasa  
de teus olhos candentes no vapôr !

Feliz, feliz, sou eu,  
que antípico na terra já comtigo  
as suaves delicias d'outro céo !

Tu és a borboleta d'escarlate,  
que me enche de pó d'oiro o coração;  
raio de lua que sereno bate  
no meu pomar em noites de verão !

De tudo te componho,  
de tudo te unifico....  
Peço ao lyrio do campo o seu veludo,  
á rosa o seu carmim,  
ás varias flores seu matiz mais rico ;  
porém tu—vaporosa como um sonho—  
acima estás de tudo,  
de tudo quanto o amor concebe emfim !

E's perola que veiu em branco rolo  
d'um oceano em calma...  
Tu só me dás consolo,  
pomba da arca santa de minha alma!

E's a risonha senda,  
que me conduz á fonte da poesia:  
Deus quer que em ti aprenda  
a doce melodia  
d'um cantico divino !

Fechaste o meu destino  
dentro do eburneo cofre de teu seio...  
Tu fôste o anjo, que veiu,  
limpo o suor ao roto peregrino,  
dizer-lhe onde existia  
um ternissimo e doce e brando esteio!

Qual arvore sem folhas e sem fructo,  
minha alma fôra um livro indecifravel,  
se tu, rasgando as paginas de lucto,  
não lhe sorrisses com teu genio affavel !

Cada murmurio teu que além disperso  
me vem ferir a caprichosa ideia  
transforma-se n'um verso,  
acórda uma epopeia !

Morrera já de sede  
n'um caminho deserto, ao abandono,  
se me não fôsses, embalando a rede,  
dar-me esperanças n'um fagueiro somno !

Tiveste pena da creança ingenua,  
dêste-lhe abrigo no calor da sésta;

com as lagrimas puras da saudade,  
rindo, escreveste as notas suavissimas  
d'um cantico de festa!

Eu vivo onde tu vives,  
respiro onde teu seio a arfar respira...  
Quando um leve vento  
me vem tangendo a lyra,  
conheço o ardente sopro que se exhala  
—ao traduzir o egregio pensamento—  
da tua amena falla!

Toda a ideia que sinto de ti mana!..  
De ti manou tambem este poema!..  
Deixa que a mente restitua ufana  
a perola roubada ao seu diadema!



# I

Creança inda era o mundo... A terra vigorosa  
sentia a seiva ardente a percorrer-lhe as veias...  
Era d'espinhos nu o calice da rosa,  
embalava-se o mar no côro das sereias!

Dos valles o perfume enchia a atmosphera!...  
Ninguem soltava ancioso o grito d'infeliz!...  
Tinha por toda a parte um throno a Primavera,  
e em volta d'esse throno um flascide matiz!

Caminhava em soego a ovelha a par do lobo!..  
Onde arrulhava a pomba, a aguia dormia a sésta!  
O sol franjava d'oiro a curva azul do globo!..  
Vestiam céo e mar a tunica de festa!

Quasi que virgem tinha a terra o seio ingente,  
apenas sobre a relva um vivido carmim  
mostrava ao viajor, que o pisa inconsciente,  
que ha pouco inda a manchara o crime de Caim!

Não tinha inda do sangue a aurora a côr vermelha,  
não surgiam no céo os rabidos cometas,  
se o temporal franzia a negra sobrancelha,  
não rolavam do raio as fulgidas carretas!

Dos montes trasbordando, as aguas em cascata  
cobriam de frescura o sonoro val;  
no arroio diamantino, a virgem timorata,  
á sésta, mergulhava os seios de crystal!

A concha do prazer em virido tapete  
jorrava em abundancia o mais suave effluvio!...  
O *Cosmos* celebrava o nupcial banquete;  
era fechado a scello o abysmo do diluvio!

O sceptro era o cajado... Os velhos patriarchas  
—serenos como a luz das estivaes manhãs—  
eram de cada lar pacificos monarchas,  
tinham por diadema a c'roa d'alvas cãs!

O archanjo da justiça, erguendo a espada augusta,  
fez scentelhas o ar, queimou o Paraizo;  
a terra inda, porém, sentindo-se robusta,  
soltou cheia d'orgulho um tremulo sorriso!

Sim, o mundo era bello! O homem tão sómente  
tinha uma ruga atroz na fronte magistral:  
perdeu por culpa sua a graça do innocent,  
deixou entrar no seio o espirito do mal!

No entanto a madrugada erguia-se formosa,  
concertava-se em tudo um côro enamorado,  
e ninguem, ao erguer a vista curiosa,  
dissera que o universo havia já peccado !

II

Como lampada enorme que se abaixa  
pouco e pouco da abobeda d'um templo,  
assim o globo d'ouro, o astro do dia,  
caminha para o occaso. Brancas nuvens,  
de seus purpureos raios matisadas,  
sao quaes rolos d'incenso disparzidos  
junto as aras d'um idolo gigante.  
O lyrio que baixava a nivea fronte,  
lentamente apoiando-se na hastea,  
suspira para o céo enamorado  
das rosas da campina. Todas ellas

erguem tambem as rubras maçanetas,  
desfivelam os labios purpurinos,  
e, destramando os flacidos veludos,  
dão no seio sem mancha um doce abrigo  
á mimosa volupia dos insectos.

No lago onde se espelha o azul ethereo,  
sobre as aguas que a brisa a medo enruga,  
empaveza indolente as brancas plumas  
o cysne todo alvor, todo innocencia !

Na recondita matta, a doce rôla,  
não de tristeza ou magoa suspirando,  
accorda os echos do visinho uteiro  
com seu canto festivo de noivado.

A espuma das cascatas alvejantes,  
fluctuando no espaço, cae na relva,  
matizando-a de perolas trementes.

Flebil tapete de luzidas folhas  
cobre o regato; do vidente cesto,  
como esposas da limpida corrente,  
as eburneas lymphêas se levantam,  
excedendo no albor virgineo collo.

Na fonte, que, do musgo borbotando,  
mansamente desliza sem cuidado,  
narcisando-se estam as balsaminas;  
se alguma rosa as petalas desfolha,  
parece que no dorso da ribeira.

mil pequeninas barcas luminosas  
esvoaçam de leve. Entre a ramagem  
subtil chuva de sons vae despertando  
uma orchestra divina. As verdes cytharas  
acompanham gementes com doçura  
a musica dos ventos preguiçosos.  
Se viração mais forte se levanta,  
cresce o rumor da verde ramaria,  
e os corymbos azues, os rubros cachos,  
as umbellas doiradas se balouçam  
e se abraçam, beijando-se em delirio.  
Parece que mil fadas invisiveis  
entre os myrthaes risonhas tumultuam,  
desfechando no rosto umas ás outras  
açafates de rosas multicôres.

Em tudo a formosura!.. em tudo o encanto!..  
fatidico explendor!.. Sylphos risonhos  
que volitaes no seio d'aureas nuvens,  
vinde aos ouvidos segredar-me, ó nymphas,  
quem foi o jardineiro industrioso  
d'este vergel suavissimo, olorante?!

Quem dispõe estas arvores frondentes?..  
quem talha os graciosos taboleiros?..  
quem derrama a semente das boninas

nos arrelvados comoros silvestres ?  
quem cultiva a bromelia coroada,  
a tulipa, o rainunculo, a açucena,  
os cravos de setim, o lilaz branco ?  
Aqui, ó bella aurora, aqui, sem duvida,  
teu avental de fogo saccudiste;  
dos olhos de veludo o teu aljofar  
sobre os rosaes se distillou fulgente ;  
teu carro lhes chispou as fibras d'oiro;  
teu cabello, chovendo em fios longos  
ambrosias do céo, lhes deu aromas !

Como tudo risonho se combina !  
Que infinda variedade nos adornos !  
Que recortes nos calices franzinos !  
Que molduras ! que lindos arabescos  
nas coróllas que enfeitam, que engrinaldam  
a verde rendilhagem dos arbustos,  
os copados zimborios das figueiras !  
Quem iriou as pétalas mimosas ? ..  
Que profusão ! .. que luxo ! .. que riqueza  
nas tintas, nos debuxos, nos matizes ! ..  
que sciencia divina ! que elegancia  
no caprichoso repartir das côres ! ..  
A tua phantasia é sobre-humana,

ó excelso pintor, sublime artista;  
no marmore, no jaspe, no alabastro,  
nas turquezas, nas rubras coralinas,  
nas verdes esmeraldas, nos topasios,  
no oiro, no rubim, e nas saphiras,  
d'isto tudo na fulgida mistura,  
se embebeu teu pincel !

O' natureza,  
no explendido tear das tuas brenhas,  
fabrica-se o veludo, a seda, as rendas,  
o setim, os brocados preciosos,  
com arte surprehendente! A rica Flora  
com elles veste as animadas filhas,  
as rosas, que das plantas lhe rebentam !

Que elegante desordem! que rudeza  
tão cheia d'artificio! Os igneos cactos  
bebem a par da roxa caneleira  
o doce orvalho das manhãs serenas.  
De tronco a troncos, e de ramo a ramos  
em lubricos festões treme a baunilha.  
Odalisca das selvas, a palmeira  
abre o rigido leque magestoso.  
Do fêto arboreo, qual em mar de folhas,  
ondulam os penachos recortados.

Umas ás outras se dão sombra as arvores !  
Umas sobre outras levantando as frondes  
armam c'os ramos parasoes tofudos.  
Aqui ergue-se um portico moirisco ;  
além abrem-se extensas galerias,  
ladrilhadas de rosas, afofadas  
de musgos e de plantas parasitas :  
arcos de mil feitios, baldaquinos,  
janellas de bignonias gradeadas,  
tudo se ostenta aqui ! .. Salões magnificos,  
onde é perenne a musica das aves,  
onde é continuo o vaporar das flores,  
onde os ventos ciciam amorosos,  
onde o orvalho da noite é mel suavissimo.  
As brilhantes orchideas omnidores  
encadeam os braços dos coqueiros,  
dos bambús, das acacias, dos sycomoros ;  
por entre as frestas da sombria abobeda  
de quando em quando penduradas ficam  
similhantes a aereos candelabros  
n'um vasto harem a fumegar essencias !  
Mil outras flexiveis trepadeiras  
alam-se ás cômas onde as nuvens reçam,  
com seus festões, a fôsca ramaria,  
as cambiantes folhas s'estrellejam.  
Na formosa cortina das lianas,

entressacha a campanula festiva  
as urnas de finissimo rebôrdo,  
de purissimo azul, de neve ao fundo.  
Do seio harmonioso das acacias,  
da côma auri-tremente dos loireiros,  
das ardentes magnolias tomam vôo  
myriadas de passaros canoros,  
cujo gorgeio festival encanta,  
cujas azas de seda, matizadas,  
deslumbram de fulgor o olhar attento.

Tudo é bello, Senhor!

Bemdicta seja  
a tua Primavera sempre noiva:  
bemdicto o teu maná que dá sustento  
á verdura dos campos! Sim, bemdicta  
a cupula dos céos que tudo abriga!  
A terra te dedica o hosanna immenso,  
de manhã ao sol pôr, durante a noite,  
quando o sol doira os mares, quando a lua  
em palhetas scintilla sobre os lagos:  
no silencio, nas trevas, na harmonia!

Mas além, sobre o cume da montanha,  
que fatidico enlevo! Maravilhas

que enchem de assombro os olhos, quem podera  
na mais doce cadencia revivel-as?!

A selva converteu-se em templo enorme:  
os cedros, sobranceiros dominando  
a ramagem dos platanos frondentes,  
são como os campanarios, como as flechas  
da mobil cathedral. Os duros troncos,  
bordados d'hera, em formosura excedem  
as corinthias columnas, cujos floreos  
brincados capiteis o acanthe imitam.

Dissereis que uma aranha luminosa  
vai desfiando a teia rutilante  
entre as longas melenas do arvoredo.

As folhas luzidiás reverberam;  
sobre a epiderme, chammejando, os raios  
como que batem na polida face  
d'ellipticos escudos. Mas ao centro,  
parece que, na orgia sacrosanta  
d'um bacchico festim, revoluteiam  
vultos aereos, indistinctas fórmas.

Sacerdotisas são!.. é sua a festa!..  
batem choreias em redor das aras,  
as loiras tranças coroadas voam  
co'as longas vestes de crastina alvura:  
nas diaphanas mãos sustentam fachos;  
quando os saccodem, prolongada chuva.

de lentejoulas cae! Com que delirio,  
com que transporte, nas profundas naves  
se cruza o lume!...

E' tua forja, ó poente.

### III

Desvie-se o olhar do monte,  
cujo clarão nos fascina ;  
em mais suave horizonte  
goze-se a paz da campina !

Que céo de tanta pureza !  
que fragrancia ! que frescura !  
entre as sombras da deveza  
que gorgeios !.. que doçura !  
que suavissima cadencia !

Junto ao lago cujas aguas  
vão perdendo a transparencia,  
entre as verdes aveleiras,  
ranchos de moças formosas  
brincam, saltam galhofeiras.

De verbenas e de rosas,  
de singelas margaridas,  
de cravos assetinados.  
tecem grinaldas floridas  
de feitios variados.

Pobres flores da campina,  
pobres lyrios, bem sabeis  
que ao pé das rosas mais vivas  
d'aquellas faces lascivas  
com ciume emurcheceis !

Auri-luzentes madeixas  
são as levissimas télas,  
que mal nos furtam o arminho  
das nuas espaduas bellas;  
como a arfar, caracolando,  
são ellas voluveis mantos,  
escondendo, ao desalinho,  
taes mimos, tantos encantos.  
Quando a brisa tentadora

com malicia lhes desata  
os laços que apenas cobrem  
os seios de nivea prata;  
quem tão insensivel fôra,  
quem tão de pedra seria,  
que não sentisse a influencia  
de tanta galanteria,  
de tanta magnificencia?!

Quem ha ahi alma tão dura,  
quem ha ahi que se te opponha,  
ó filha da Providencia,  
ó virgem sempre risonha,  
formosura, ó formosura!

Tu tens um iman em tudo,  
quer nos olhos columbinos,  
quer no seio de veludo,  
quer na fronte alabastrina,  
quer na face purpurada;  
teus encantos são divinos,  
teus devaneios de fada;  
teu olhar a tudo rende,  
teu olhar tudo domina,

ninguem comtigo se offende,  
tudo comtigo s'inflamma,  
tudo comtigo s'eleva!

Dize-me tu, sacro antiste,  
que mão nefanda partiu  
o aureo mólde em que fundiste  
a formosura priméva?  
Como é que anda assim perdido,  
sem se encontrar já no mundo,  
esse typo delicado,  
bello, casto, pudibundo,  
da mulher, da mãe primeira,  
da primeira amante, de Eva?!

Quem reduziu a poeira  
o jaspe da estatua antiga?!

Lyrio, lyrio da belleza,  
que viraçao inimiga  
te roubou toda a pureza,  
te murchou toda a candura?  
Da mulher do Paraizo  
que nos resta?.. sombra escura,

da primitiva grandeza,  
um vulto quasi indeciso,  
um rastro de lux etherea,  
que o vendaval extinguiu!

Da corrompida materia,  
em que tudo se inodoa,  
qual ha ahi, qual se elevanta  
inda innocent,inda boa,  
pura, immaculada e santa,  
derramando em largo ambiente  
a luz que redoira a alma,  
a luz que fascina a mente?!

Anjo entre os anjos cahidos,  
n'este val peccaminoso;  
quantas ha que inda conservam  
esse iman mysterioso,  
que nos enleva os sentidos  
ás regiões do intimo gôso,  
ás regiões do amor constante,  
onde o nectar da ventura  
em taças d'oiro espumante  
tem sempre a mesma doçura?

Poucas são—querida amante!..

D'essa opulencia, do luxo,  
que o pincel gastou nas tintas,  
resta apenas o debuxo  
nas rosas semi-extinctas  
dos rostos angelicaes!  
O mundo das maravilhas  
extinguiu-se!.. nunca mais  
—sol que entre os soes já não brilhas—  
ó suave formosura,  
hade haver quem recomponha  
da tua magica téla  
a sumptuosa moldura!

Mas olhae... Como ellas brincam!  
no delirio das choreias,  
que prender! que desatar  
de voluptuarias cadeias!  
Como um rancho d'andorinhas,  
voltando para o seu lar!..  
como um bando de sereias  
á superficie do mar!

A seiva da mocidade  
vos corre em todas as veias:  
na vossa vidente idade,  
fôra um crime não folgar...  
brincae, brincae, ó sereias!

Feliz de quem chega aos labios  
uma amphora a trasbordar,  
de formosura, de gôse,  
de juventude!.. Feliz  
quem, ao rever-se gostoso,  
de si para si não diz—  
maldicto o berço da infancia,  
berço p'ra mim de impiedade,  
onde, por traça do inferno,  
bebi no leite materno  
o sangue da fealdade!

## IV

Canta, canta, mavioso  
rouxinol :  
diz o adeus, o adeus saudoso  
do arrebol !

Cedo em lucto as verdes ramas  
penderão...  
Tu és a alma que inflammas  
a soidão.

Quando o teu aereo ninho  
se banhar  
no puro disco d'arminho  
do luar;

como hade tremer-te a aza  
tão subtil  
no fogo que a mente abrasa  
juvenil !

A tua voz argentina,  
festival,  
enchendo os echos, domina  
todo o val.

Loira fada as negras pennas  
te lustrou,  
e em noites brandas, amenas,  
t'inspirou.

O nome de tanto affecto  
do teu bem,

nunca o dizes — indiscreto —  
a ninguem.

Como a perola, do oceano  
no fragor,  
vive occulto, é um arcano,  
teu amor.

Quando és triste, que mysterio!..  
quem te ouvir,  
sente o peito a mundo ethereo  
refugir.

Oh ! bemdicta essa tristeza,  
que nos diz  
onde existe outra belleza  
mais feliz !

Azas ! azas ! quem me dera,  
como tu,  
beijos mil na Primavera  
dar-lhe em nú.

Volitar-lhe junto ao seio  
de marfim !  
Perguntar-lhe d'onde veiu  
bella, assim ? !

Tratal-a por minha amada,  
minha irmã;  
sim, a ella, a coroada  
da manhã !

Canta, canta, mavioso  
rouxinol:  
diz o adeus, o adeus saudoso  
do arrebol !

## V

A noite se approxima. As sombras vagarosas  
já varrem do occidente as nuvens luminosas.  
O abysmo d'oiro a arder, o abysmo de carmim,  
onde o sol mergulhava, encerra a bôca emfim.  
Já tenue claridade apenas illumina  
os comoros do val, o dorso da collina.  
Hora do intimo goso, hora do meditar,  
mal haja quem não sabe o teu socego amar !  
Poema do silencio, ah ! como é doce e bella  
essa triste mudez, que tudo nos revela !  
O espirito na sombra a si se reproduz...  
no véo da treva infinda o immenso nos reluz !

E eil-a a sombra a descer ! Da flebil cachoeira  
já não rutila inquieta a fulgida poeira.  
A pomba aquece o ninho. Os bastos laranjaes  
escondem na verdura os pomos virginæs.  
As feras, sem rugir, acolhem-se ás cavernas;  
sobre as azas do insecto accendem-se as lanternas.  
Nas moitas de carmim da flor do madhavi  
repousa a borboleta. O doce bem-te-vi  
nem papear sequer!..

Comtigo, ó sombra, esgrime;  
devora-te a ti propria, ó noite, ó mãe do crime!  
Teu manto hade-o rasgar o magico fulgor  
dos noctivagos sóes. Oh! dentro em pouco o horror  
das selvas fugirá: a doce claridade  
leva a benção d'amor onde quer que te invade.  
Breve é, pois, teu dominio!.. A noite inda era então  
só d'uma a outra aurora a vaga transição:  
em seu regaço argenteo o archanjo da poesia  
entre sonhos d'amor contente adormecia.

Quando o escudo de prata a abobeda partir,  
sabei-lhe, aves do céo, sabei-lhe transmittir,  
do val e da montanha os seus colloquios santos:  
nas lyras do arvoredo, ide afinando os cantos;  
o idylio da manhã na voz rememoræ;

ó auras da campina, aromas destillae !  
Já das estrellas rompe o sequito brilhante !  
Vede-a surgir tambem, lasciva, palpante,  
no carro marchetado, a lua, a aljofarar  
a lactea espuma azul do rumoroso mar !

Antes que a luz da tarde abandonasse as flores,  
tinham descido o monte os folgazões pastores,  
cantando ao som da flauta, alvorotando os céos  
com gritos de prazer. Sollicitos lebreus  
saltavam derredor, pastoreando o gado ;  
das ovelhas ao centro o grupo socegado,  
os camellos na frente, o boi tardio atraz;  
no olhar dos animaes o doce olhar da paz !

Que esbeltos mocetões ! Que resplendor nas faces !  
Custa até crêr que a tanto, ó barro, te amoldasses !  
Setinea pelle encobre os musculos viris.  
Certo o leão não tem mais garbo na cerviz  
do que elles na cabeça envolta em longas tranças.  
Para elles a lucta é como entrar nas danças;  
o seu olhar abrasa, e sob a rosea tez  
descobre-se a elegancia unida á robustez.

---

Ao chegarem á base da collina,  
descobriram, ao longe, na deveza,  
o grupo folgasão. Rapida, a vista  
se enleva no painel voluptuario.

Já treme o coração, estua ancioso  
o sangue pelas veias. Abandonam,  
no delirio d'amor, os seus rebanhos;  
atiram sobre a relva os instrumentos,  
e os animaes, guiados pelo instincto,  
se encaminham seguros, vagarosos,  
ao seu colmado aprisco.

O' mariposas,  
fugi, fugi, na célebre carreira,  
evitae o contacto d'esses peitos,  
cujo candente ardor será funesto.  
Escondei-vos nas grutas solitarias,  
detraz dos velhos troncos carcomidos,  
nos labyrinthos da folhagem densa.

Quaes rôlas d'improviso assalteadas,  
ao principio estremecem, movem olhos  
inquietos em torno umas ás outras:  
depois, o riso aos labios d'escarlate  
assoma pueril... ficticio medo  
as faz correr em tresloucado anceio;

movem com força as delicadas plantas,  
mas mais parecem provocar á lucta  
do que evitar o encontro!.. Aqui tropeçam,  
nas moitas refloridas se lhes prendem  
os diaphanos mantos: o cabello  
em revoltos anneis prende-se ás cômas,  
á s verdes cômas dos frondentes álamos.  
Se cäem—seio a arfar, olhos languentes—  
quando tentam erguerem-se de novo,  
aceitam com prazer grilhões d'escravo.  
Pois que! se os ferros são longas cadeias  
de abraços e de beijos... Liberdade,  
quem te pôde chorar, querido enlevo,  
ó sonho dos vinte annos, liberdade,  
fructo mimoso d'epiderme d'oiro,  
quem soubera perder-te e achar em troca  
tão doce captiveiro! tão suaves  
algemas, que não pezam, que dão gosto  
ao coração, que as traz de si pendentes!

Já uma e outra e outra, enfim já todas  
prestam seu collo ao amoravel jugo.  
No olhar em chamas se descreve o efecto  
das intimas delicias. A folhagem  
treme nas varas aquecida ao sopro

de mil candentes beijos. O regato  
suspende o seu murmurio: manso e manso  
vae represando a lympha sonorosa;  
á tenué claridade do crepusculo,  
enebriado, retratar deseja  
no seio argenteo os delicados seios.  
Parece ganhar alma a natureza !  
Frémito extranho agita o sólo. As flores  
pendem lascivas, exhalando aromas !  
O lyrio morre de ciumes, vendo  
mais alva neve nas espaduas nuas !

Fechae, ó trepadeiras, a cortina,  
cerrae as bambinellas, arvoredos,  
doceis mocissos, encrespae as ramas !..  
Bosque a dentro lá vão !.. Genios do prado,  
amaciae a relva para o leito,  
engrinaldae os thalamos festivos;  
sejam de rosas, de violetas sejam  
os afofados travesseiros móllies !  
Aves, cantae epithalamio infindo,  
fontes da encosta, murmurae d'amores,  
embala-os docemente, ó Primavera,  
astros do céo, phantasiae-lhe em roda  
um mundo de soberbas maravilhas !

Que doce philtro em cada roseo labio!  
Que prelibar ardente de ambrosias!  
Musa, não queiras, não, enebriar-te  
n'esse licôr suave, que envenena!  
Não entres no recinto consagrado  
ao languido prazer. Não te seduza  
a falsa pompa de vertigem tanta.  
Deixa-os a arfar n'esse delirio insano;  
occultos gosem: testimonhas sejam  
dos seus enlevos curiosos raios  
da lua esquiva prateando as folhas.  
Oh! que noite de férvidos suspiros!  
que longa noite de abrasado anceio!  
que doce effluvio a latejar nas pômas!  
Deixemos em silencio esses protestos;  
renovem-se instantaneos, reproduzam-se  
os carinhos, os risos, os afagos;  
mas nunca, ó tentação, nunca me prendas  
n'esse mórbido enlace! Eia, fujamos,  
enredae-vos, ó franças: occultae-nos  
esse painel de deleitosas scenas.  
A minha lyra é casta, anceia, esquiva-se  
aos gosos sensuaes. Virgem risonha  
—filha da terra, mas irmã dos anjos—  
me fez presente d'ella, oh Deus lh'o pague!  
Pura, sem mancha, eu quero devolver-lha,

Nada lh'impede a delirante fuga,  
nada lhe abranda a célebre carreira,  
nem fundo regueirão lhe doma os passos,  
nem a asperessa do caminho a vence!  
Mais lésta do que um sylpho, galga as rochas  
sem nunca se pisar.

Furta-lhe as voltas  
o adestrado pastor. Tóma um carreiro,  
todo encoberto de sombrias faias:  
atalha-a d'improviso... as longas tranças  
são suas!.. conquistou-as!.. que vertigem!  
que prazer desvairado!.. que alvoroço  
abala, agita o allucinado peito !

«Forceja agora, minha bella esquiva»  
diz elle n'um sorrir quasi selvagem,  
mostrando os alvos dentes, descerrando  
os labios cubicosos. Porem ella  
em fumo lhe tornou facil victoria.

Pobre pastor, ludibriou-te a fada !  
Foi-se a nuvem mimosa, a nuvem d'oiro !..  
desfez-se em trevas a visão querida !  
Onde matar a sede de teus beijos ?

Onde apagar o ardor que n'alma ferve?  
Onde enlaçar os braços que se estorcem  
na enganosa volupia imaginaria?  
Esconde o pranto que resvala, esconde!  
Porque lacrimejar?

Tens visto o infante,  
que vôa atraç das ledas borboletas,  
rosas do ar, bebendo o suco ás rosas?..  
Olha, lá vae; saccóde as flóreas moitas,  
com força agita os delicados troncos,  
não a deixa quieta um só momento,  
cruel perseguidor, nada o commove,  
tral-o das azas fascinado o iris,  
gasta o dia no afan, tudo lh'esquece,  
até que emfim, n'um impeto supremo,  
já cuida haver-lhe segurado as azas  
no volitar estonteado:... ai triste,  
ai fragil mariposa! que martyrio!..  
Não mais serás a alegre confidente  
da flôr nevada á de purpureo seio!..  
Vão-te roubar o meigo colorido,  
vão-te esmagar o corpo delicado!  
Forceja, mas de modo que não rompas  
o setim que te eleva nas alturas.  
Oh! não queiras morrer morte tão crua!  
Devem ser rosas teu funereo leito!

devem-te ungir seus cálidos aromas!..  
Vae mansamente repuxando as azas,  
tenta fugir, empréga alguma astucia...  
tenta fugir... fugiu!.. sobre a corrente  
da viração suave e deleitosa  
vae de novo libar o mel das flores,  
deixando na epiderme côr de rosa  
uns pósinhos côr d'oiro.

Tal nos dedos,  
indiscreto pastor, ficou-te o aroma,  
o grato aroma das divinas tranças !

---

Desanimas? Prosegue... Que te importa  
um revêz no combate? Quem duvida  
que serás vencedor? Teus companheiros  
bebem á farta do prazer doirado;  
e tu prostrado, ó misero !

Opportuna  
occaſião de novo se offerece;  
d'um lado um matagal, do outro um lago,  
fundo, revolto, d'erriçadas margens  
a circuita, a retem: vês tu?.. recua.  
Renova a audacia, readquire a força,  
eia, ao combate, não te falha a preza,

fôra loucura porfiar mais tempo;  
duplo dominio alcançarás sobre ella !

Já não vacilla, a tentação o arrasta.  
Leva nos olhos um fulgôr sinistro,  
como que marcha para a guerra: a côma  
brilha, ondulando, como as aureas sedas  
d'um capacete de feroz gigante.  
Eil-os proximos já: no mesmo ambiente  
se lhes confunde o respirar fogoso.  
Rapido instante, imperceptivel quasi,  
gastára um beijo d'uma face á outra.  
Já elle arquea os braços; brevemente  
hão-de apertar-se os corações contrarios.  
Oh que lhe esmagas o franzino seio !  
Oh que lhe partes a cintura airosa !  
Aperta!.. Mas que apertas?.. Desatino!..  
rara columna d'ar... Sofrego brame:  
por sobre a fronte lhe roçara o vulto  
as longas azas de candura extrema !

Ella era a musa das paixões ethereas,  
o archanjo do pudor.  
N'aquelle tempo  
tinha inda a terra um feiticeiro encanto;

nuvem doirada lh'envolvia o dorso,  
irmã do sol, o sol a namorava,  
as estrellas teciam-lhe ampla rede,  
rubentes fachos—o tropel dos mundos—  
illuminavam seu caminho amplissimo...  
Abençoava-a Deus continuamente !  
Com a doce harmonia, que junctava  
ao côro das espheras, attrahia  
ao seio seu de musgo aveludado  
os loiros anjos que entoavam hymnos  
a Deus em rôda de seu throno immenso.

Como tremia o coração do archanjo,  
ao vêr-se tão de perto acommettido !  
Não treme a rola mais quando lhe passa  
juncto do ouvido o sibilar agudo  
de rija, heivada seta. Esmorecida  
inda conserva a face melindrosa !..  
Não sei que pezo inda lhe opprime as azas !  
Não sei que dôr inda lhe agita o seio !

Oh ! antes Deus te houvesse, meigo archanjo,  
d'impenetravel lamina coberto  
o teu marmoreo seio: antes tu fosses

bello sim, mas robusto e audacioso.  
Tens azas, é verdade... mas que valem?  
são brancas?.. pôde alguem enodoal-as:  
são leves?.. são translucidas?.. a chamma  
no magnetismo traiçoeiro as cresta.  
Em vez d'essa fatidica varinha,  
tôma nas mãos um gladio coruscante:  
chispa do olhar um raio que fulmine  
o que se atreva a machucar as rosas  
d'essa tua perenne mocidade,  
d'essa tua candura indefinida.  
Sê forte, sê guerreiro, entra na arena  
coberto de laureis, mas recendendo  
aos perfumes do oleo para a lucta.  
Monta n'um carro de brunido bronse,  
junge-lhe uma quadriga impetuosa,  
e em volta d'elle as legiões do espaço  
hão-de cantar-te perennal hossana!

## VII

Serena a lua prateava os lagos  
e enchia os bosques de visões formosas.  
O archanjo do pudor inda pairava  
sobre as campinas, aspirando o aroma  
da flor modesta, que sómente á noite  
no humor dos labios fecundava o pollen.  
De quando em quando, ao sacudir das plumas,  
diamantinas palhetas alastravam  
os taboleiros de macia relva.  
Era o rócio da noite, em cristaes puros,  
em rubis, transformado. Os aureos cachos,

pendentes das latadas, como explendem!  
Parece que do meio dos abraços  
dos pampinosos ramos vae cahindo  
de miudinhos sóes um pó loirenco.

Ei-lo a descer, o archanjo: novamente  
recolhe as azas nos eburneos hombros.  
Nada o distingue das humanas fórmas,  
a não ser uma aureola divina,  
que lhe circumda a fronte e lhe realça  
da face ingenua o brando lineamento.  
Vem descendo a montanha vagaroso,  
como se fôra venerando antiste,  
que busca o ermo e a solidão nocturna,  
para depôr no altar da natureza  
misteriosa offerta.

Da montanha  
na base de granito serpeava  
langoroso ribeiro. Ali se encosta  
na fresca margem recendente a lyrios:  
dos salgueiros as franças lhe agitavam  
os caracoes das lucidas madeixas.  
Como enlevado em mysticas ideias,  
longo tempo deixou pendente a fronte,  
amparando-a na mão setinea e bella.

Depois, qual se d'um sonho despertara,  
em invisivel harpa suavissima  
principiou de dedilhar um canto.

Calou-se tudo. O echo alvoroçado  
repetia tremente as doces phrases.  
Do seu leito nubente um par mimoso  
de rouxinoes s'erguera.

O' poesia,  
recolhe as notas que se espalham breves  
no silencio dos valles. Quem podéra  
fazel-as repassar sobre meus labios,  
ungidas da doçura que derramam!

Da mesma inspiraçao a viva cópia  
jámais encontrareis nos pobres versos.  
No entanto ouvi, ó corações sensiveis,  
almas de gelo, não passeis soltando  
o amargo riso da indiff'rença louca!

«Inda Eva não sentia a revolver-se impuro  
no seio o embrião do homem do futuro !  
Que doce vida a sua ! Alegres, festivas,  
tinham na terra um templo os primitivos paes.  
Por toda a parte e em tudo o Eden lhes sorria !  
Sempre incessante o amor, um dia e outro dia,  
doirando-lhes a mente, enchendo o coração !  
Que explendida não era aquella solidão !

De quando em quando, à terra o Deus dos Universos  
descia em igneo carro: os astros mil dispersos  
soltavam pelo espaço um côro triumphal,  
ao vê-lo aproximar-se, a Elle, o sem igual.  
Feliz de quem podesse inda escutar agora  
o verbo do Increado ! .. a musica da Aurora  
por mais suave e doce, oh ! não, não era assim.

Eva, o marmore em vida; Adão, o seraphim,  
o anjo humanisado, o rei da natureza;  
ambos d'um só pensar, ambos d'egual belleza,  
ambos da terra assombro, unindo os corações,  
deitavam-se a dormir na juba dos leões !

Sempre o horisonte bello em torno ao Paraíso !  
Nunca mostrára o sol os raios, indeciso !  
Cahindo, manso e manso, o orvalho da manhã  
de leite rociava o calix da romã!..  
Aos dois era maná ! Seus olhos aquilinos  
inda não tinham visto os cordões cristallinos  
chorosos a pender da abobeda do céo.  
Certo dia, porém, um não mui denso véo  
cobriu de nuvem negra a face do astro d'ouro:  
quaes perolas cahindo a fio d'um thesouro,  
as bagas de cristal, enchendo de rumor  
os arcos da floresta, augmentam-lhe o verdor !

Adão com indolencia, á borda da ribeira,  
o rosto contemplava. A alegre companheira  
tecia uma grinalda: os lyrios virginæs  
cahiram-lhe da mão, aos primeiros signæs  
da chuva a humedecer-lhe os humeros nevados.  
Phenomeno imprevisto ! olharam-se assombrados !  
Adão mais resoluto a ergueu nos braços nus,  
e junto d'um palmar, precipite, a conduz.  
Debaixo da ramada a chuva continua,  
Eva a côma soltou, abriga a espadua nua:  
ao balouçar da selva, as virações subtis  
dão-lhe a esmagar aos pés um cofre de rubis.

A nuvem se dissipa. O pavilhão celeste  
do mais brilhante azul de novo se reveste.  
Iria-se o poente; o sol, rompendo o anil,  
transluz—partindo a côr—em arcos mil e mil.  
Sentindo-se poeta, Adão, convulso, adora,  
o novo romper d'alva, albôr d'immensa aurora !

Sahiu Eva do toldo. As gôtas de marfim  
brilhavam-lhe a tremer das cômas de setim.  
Onde a chuva coalhara, espelho sem moldura,  
Eva a face mirou, meu Deus !.. que formosura !  
que bella era a grinalda ! Oh ! como ficam bem  
as pérolas ornando as tranças ao desdem !  
Suspensa, arrebatada, o alegre pensamento  
sorria-lhe no rosto em tal contentamento  
que, ao vel-a assim, o esposo, extactico, parou.  
Ia a beijal-a—a arder.... profanação !.. deixou  
nos labios o desejo. Indisivel respeito  
todo o imprevisto ardôr conteve no seu peito !

Se fôra eterno o gôso ! O' céos, fazei crescer  
a medida á ventura !.. Eis quasi a derreter  
o ephemero cristal dos lucidos pingentes.  
Que névoa que te encobre as faces explendentes,

ó Eva!.. O sol dardeja, e mais e mais a luz  
—escaldando-te a fronte—a nada te reduz  
a explendida corôa. Agro pallôr extranho  
a faz entristecer. Como ao sahir d'um banho,  
fumega-lhe a cabeça. Incerto, o proprio Amôr  
temera de a abraçar. Dir-se-hia que um vapôr  
d'incenso a circumdava. Ha pouco inda serena,  
a fronte apresentava as rugas d'uma pêna.

Qual anjo abandonado á sombra dos vergeis,  
que mágoa em seu olhar! Dos fulgidos anneis  
sumiu-se a pedraria; apenas o oiro resta!  
Que lúgubre contraste! Em redór d'ella a festa,  
os pássaros compondo idylios pelo ar,  
em primavera infinda, a terra inteira a amar!  
Só ella revelando o intimo desgosto!  
Se Deus n'aquelle seio houvera emfim já posto  
—no seio onde estuava o canto do prazer—  
das lagrimas o cofre: oh! quantas a correr,  
nas faces de setim, dos cilios de velludo!..

Como creança ingenua hasde ser sempre em tudo!

Mulher, és um enigma, a luz da creaçao  
te fez prisma illusorio o prisma da razão! »

## VIII

Como um leque de fogo o sol irrompe!  
Em turbilhões de gaze diffundira-se  
a nevoa que pairava sobre os valles.  
A' nova luz, das trémulas juncaceas  
o branco espanador rebrilha. O enxame  
dos colibris estrélla o ar balsámico.

Do gramineo divan, em que jazia,  
brandamente scismando, ergueu-se o archanjo.

Pareciavêr Deus passar na curva,  
na diaphana curva azul da terra!

Ergueu-se!.. em seu olhar dá vida ás flores,  
a côma agita... augmenta-se a fragrancia;  
sente-lhe o sólo o piso vaporoso,  
e como que lateja alvorocado,  
e como que lhe rouba a furto um ósculo.  
Mas que!.. nas suas humidas pupillas  
se descreve a incerteza amargurada!..  
Um duvidoso e vago anceio as orla!  
Estende a vista ao longe, estende-a ao perto;  
quem procura não vê, nada descobre.  
Em varias direções caminha errante,  
qual viajor perdido em êrmo plaino.  
Busca as filhas do homem: companheiras  
dos infantis brinquedos, não mais voltam  
ao prazer innocent, aos brandos jócos,  
á choreias da vespora. Já farto  
de as procurar co'a vista, ensaia o canto  
e com a voz mellifluia assim as chama:

Correi, ó donzelas, correi apressadas;  
que doce murmurio nos chama! correi.

Dos lyrios recendem as folhas nevadas,  
dos lyrios no cálice o orvalho bebei !

D'um leito de rosas, d'um leito de aromas,  
d'um leito d'estrellas, desperta a manhã !  
Erguei-vos com ella ! Prendei vossas cômas  
na purpura accesa da flôr da romã !

Vagou solitaria minha alma erradia,  
de noite, no êrmo, no bosque, a scismar.  
Bemdicta a alvorada !... Respiro a alegria:  
comvosco, donzellâs, desejo folgar.

Meu somno é tão leve ! Não dura uma hora:  
qual somno d'insecto nos berços da flor.  
Aos beijos rosados dos labios da Aurora,  
quem não despertará d'um sonho d'amor ?

O rôcio olorante vos faz mais formosas !  
Quebrae as cadeias do somno sem fim !  
Correi, indolentes; correi, priguiçosas !  
Estatuas de jaspe, dae vida ao jardim !

## IX

Eil-as lá vem. A doce voz do archanjo,  
vencendo o alegre pipillar dos ninhos,  
dominando o murmurio das cascatas,  
fôra arrancal-as ao silencio amigo  
das vitreas grutas onde o sol não entra.  
Inda os echos da sombra harmoniosos  
repetem uns aos outros com saudade  
os delirios febris d'aquella noite.  
Com saudade, disse eu, talvez me engane,  
talvez no flébil murmurar se encontre  
mais amor offendido que tristeza,  
mais dolente ironia que saudade.

Sentis brando rumôr na espessa moita?  
sentis o orvalho tintillar de manso,  
ao sacudir dos ramos que se enleam,  
ao desdobrar foliolos dormentes?  
São ellas que lá vem. Co'as mãos de neve  
vão destrinçando as humidas ramagens.  
Mal se ouve o ranger dos debeis caules  
sob o leite dos pés. Em aurea chusma,  
batendo as azas rociadas inda,  
as doidas mariposas lhes borrifam  
os cóllos a tremer, as faces quentes.  
Qual um bando de rapidas corcinhas,  
surgem d'aqui, d'alem; os alvos restos  
são como estrellas de marfim perdidas  
entre os pendões das chocalheiras cannas!

As aves, sobresaltadas  
nos seus ninhos de verdura,  
como que soltam risadas  
d'ironia e d'amargura.

No côro vertiginoso  
parecem todas dizer;

— «Mal haja quem turba o goso  
d'este innocentे prazer !

«Mal haja de quem imprime,  
na delirante carreira,  
as pégadas do seu crime  
nos lyrios d'esta balseira !

«Mal haja quem intercepta,  
no recondito verdor,  
nossos sonhos de poeta,  
nossos poemas d'amor !

«Mal haja de quem transmitte  
ás brisas deliciosas  
estes beijos d'Aphrodite,  
que nos desfolham as rosas !

«Mal hajam as desgraçadas,  
que no delirio febril  
respiram as alvoradas  
do nosso perpetuo Abril !

«Ide a novas espessuras,  
ide a novos arvoredos,  
onde as aves menos puras  
escutem vossos segredos.

«Poluidas açucenas,  
ide a mais remoto val  
repetir as negras scenas  
da ruidosa saturnal.

«Deixae em paz as boninas,  
que vos serviram de leito:  
ide em fontes cristallinas  
lavar as nodoas do peito.

«Ide em selva mais excusa,  
escondidas n'outro véo;  
aqui tudo vos acusa,  
aves, flores, terra e céo!»

## X

Gira em torno da selva com murmúrio  
grato e doce um pacífico regato.  
Que limpidez na vitrea superfície !..  
Que encantadora transparencia !.. o fundo  
é d'alva areia e de brunidos seixos.  
As flores da margem, debruçando a haste,  
veem com gáudio a reflectida imagem  
por entre os seixos a tremer, qual tremem,  
se o vento amigo lhes baloiça o calix.  
Alguem diria que, brincando, as náyades,  
n'um confuso bailado, desprenderam

os diamantes dos fulgidos collares,  
as perolas—ornato ás aureas cômas—  
as rosas das grimaldas pudibundas !

Leito de pedrarias e de rosas !..  
Cortinado de rosas e verdura !...  
Feliz és tu, ó rio, em teu noivado.  
Nymphas ás mil, nas sonorosas grutas,  
te provocam de noite, quando os astros  
sobre ti melancolicos se espelham !

Porque suspiras tu ?.. porque inda gemes ?..  
Tu não gemes... tu passas modulando  
o teu festivo, eterno epithalamio;  
tu te despenhas, folgasão, contente  
—qual novilho ao romper da primavera—  
das nevadas cascatas: quando a lua  
da etherea curva maior arco abrange,  
tu te esperguiças nos coxins virentes;  
então te abraças com delirio insano  
ás ilhas que rebentam de teu seio,  
ás ilhas de phantasticos olmedos,  
polvilhadas d'aromas—odaliscas  
ao sahirem d'um banho d'ambrosias.

Ebrio d'esse licôr que aos pés dimana,  
farto do rocio que destilla a noite,  
com vigor estupendo se abastece  
das margens o arvoredo. A luz da aurora  
mal roça a face ao cristallino leito,  
porque seus raios embalados ficam  
nos mil cocáres das virgineas copas.

Ramos oppostos de contrarias arvores  
fazem docel ao mesmo ninho. A abobeda  
é tão fechada ás vezes, tão sem frestas,  
que, em quanto ha luz em cima, é noite em baixo.  
Na rama descahida, os aureos peixes  
se enredam em cardume. Onde a corrente,  
em alveo mais estreito vae gemendo,  
traçou a natureza esbelta ponte.  
Não se pôde exprimir, ao certo, o genero  
d'aquella architectura.

Em vão, Veneza,  
ó noiva do Adriatico, ó rainha,  
em vão te orgulhas da invenção sublime  
da formosa Rialto! O cinzel gothico

nas velhas cathedraes da edade-media  
jámais imaginou lavor tão fino.

D'um lado e d'outro é laçaria a jorros!..  
Tecem rosas phantastico mosaico!  
Se acaso um dia feneceu de calma  
um d'aquelles festões que tudo enfeita,  
logo, oh prodigio!... ao sopro da alvorada,  
logo das cinzas renasceu mais bello  
dos lyrios o bordão. Jardim suspenso,  
é d'um só arco a ponte. Sob a ogiva,  
em noites de luar, noites d'encanto,  
não sei que lyras de doiradas cordas  
vem gemer para ali doces concertos.

—Uma apoz outra—o bando galhofeiro  
sóbe a rampa da ponte: é musgo o estrado.  
Ao chegarem ao meio, se despenham  
com ruido nas aguas. Lacteo rolo  
ferve em torno dos seios d'alabastro,  
mais alvos do que a espuma. A Grecia antiga,  
a patria dos Orpheus, a mãe de Homero,  
nunca sonhou, boiando sobre o Eurotas,  
grupo de cysnes como aquelle.

O archanjo

as avista a distancia e, lésto, ao vel-as,  
—qual nuvem d'ouro no correr das auras—  
se vae precipitar nas ondas tépidas.

Recrudesce o folgar; tudo são risos;  
humido o corpo esquiva-se aos abraços;  
pelas tranças se enleam; gritam, fogem,  
colhem na doce bôca o doce liquido  
e longos jactos com furor despedem.  
Ora, dormindo, ao grado da corrente,  
vão abicar ás ilhas graciosas,  
em cujos ermos alvoroçam tudo.  
Ora se aninham na folhagem queda  
d'algum salgueiro, que descae, lambendo  
o limo das marés: alçando os braços,  
guindam-se aos troncos que pompeam fructos,  
e, haurindo o nectar da encarnada polpa,  
dos mais erguidos galhos se despenham  
no revolto listrão d'argenteo brilho.

## XI

Já não é luz d'aurora a que derrama  
os suaves clarões: é sol ardente  
a lampear na cristallina veia.

«Assaz foi longo o banho—dizem ellas—  
descancemos nos comoros da margem,  
á sombra do eucalyptico soberbo,  
á sombra do aloés e da figueira. »

A' mesma sombra repousou o archanjo.

Reina um silencio, mas não triste; a calma  
emudecera as aves. O arvoredo,  
não solta ao vento as harmonias santas;  
nem ao frescôr dos naturaes kiosques  
se ouve palrar d'amôr. Doces protestos  
não se escutam, casando-se ao murmurio  
d'um beijo ou d'um suspiro: o brando anhelito  
dos lassos corações apenas fére  
os ouvidos subtis.

Femineas vozes  
vem quebrar a mudez, d'entre a companha  
a mais moça, de certo a mais formosa,  
franjando a bôca n'um sorriso d'oiro,  
erguera-se e dissera:

«Ao clarão d'alva,  
beijavam-se os casaes; d'um ninho ao outro,  
no matutino respirar dos ventos,  
ia espontanea a saudação festiva.  
Amavam-se, queriam-se. As vergonteas  
dos velhos troncos palpitar sentia.  
Tudo se amava... amemos!

O universo  
consagra um canto d'infinitas vozes  
ás leis do amor que lhe fecunda o seio.  
Ergamos, pois, um sonoro brinde  
ao prazer da amisade... Os bosques mudos

alvorotem-se ao longe...»

—Eia, á amisade !  
em côro unisono exclamaram todas,  
fitando a vista langorosa e terna  
no loiro archanjo, que trahir não deixa  
a divinal essencia.

Eburnea concha  
serve de taça á libaçāo ruidosa ;  
de rubros cachos dentro d'ella espremem  
odorifero sumo crepitante ;  
ornam-lhe as bórdas luzidias heras  
e brancas rosas de pallôr suave.

Esvasiou-se a amphora : o archanjo  
tinha entornado as derradeiras gotas  
sobre as rosas da sebe.

«Agora, ó virgens,  
—diz elle, abrindo o cofre da harmonia,  
a graciosa, a coralina bôca—  
deixaes que eu pouse nas nevadas frontes  
um beijo que resuma o sacrificio  
votado ao numen que nos prende as almas.  
Pouze-me Deus no carmezim dos labios  
o grato incendio d'um amôr purissimo !

Beba eu tambem, n'este subtil adejo.  
mel que não tenha venenoso travo !

Disse, e qual d'ellas a voar mais lésta  
ao doce encontro de seus doces labios !

«Não mais! não mais!..—acceso em ira subita,  
bradou o archanjo, desviando as frontes  
onde imprimira os confiados beijos—  
Não mais! não mais! traição! traição! já sinto  
coar-se-me o veneno. Oh! vil remorso  
vos devore as entradas. Chova a ira  
de Deus eterna sobre vós—maldictas!...

«Ser eu ludibrio da loucura vossa!  
Sorver inconsciente, n'um sorriso,  
a semente do crime! Densa nevoa  
empanou meu olhar pr'a que eu não visse  
a infamia n'essas frontes. Onde outr'ora  
o clarão da innocencia irradiaava  
arde o fogo do inferno que devora  
sob um goso apparente. Os lyrios candidos  
do volcão novo a rubida cratera  
os calcinou, meu Deus! Lyrios sem mancha,

rosas de neve em virginaes coroas,  
tudo é cinsa, nem cinsa ao menos resta.

«E nem choraes sequer o bem perdido !  
Sorri, sorri; se um dia a consciencia  
no silencio da culpa erguer um grito,  
oh então d'um demonio o negro halito  
calcine o choro que brotar ! Piedade  
fôra loucura em mim !

Nunca na terra  
ha-de a mulher em recamado leito  
d'um sonho alegre despertar contente.  
Ha-de querer fitar a luz dos astros  
e a luz dos astros ferirá seus olhos.  
Ha-de colher o fructo dos pomares  
e os doces pômos lhe serão azedos.  
Chorando a furto sobre um berço ingrato  
e abrindo um seio ás infantis caricias,  
vendo-se nua sem pudor que a vista,  
dirá no fôro de sua alma inquieta  
—ai da mulher que se tornou de pedra !»  
De rainha eil-a escrava. Passa o homem,  
não se curva ; tyranno, esmaga a victima.  
Já nem lucta, no olhar imperioso  
domina aquella que o vencera outrora. »

Ninguem lhe respondeu. Em nenhum labio  
voz de clemencia revoou plangente.  
Nenhum olhar se confundiu de pejo!...  
nenhum baixou, envergonhado, á terra!  
Ninguem cobriu com rapidez seu rosto!  
ninguem sentiu no coração oppreso  
o desespero da agonia subita!

O casto, o meigo riso, o riso angélico  
era agora um sorriso de bacchante.  
O olhar timido e brando, o olhar sereno,  
qual ferro em brasa, nem sequer deixava  
reflectir-se uma nuvem de remorso.

Quebrae as azas ao nevado cysne  
e nunca mais o sol, o sol de maio,  
irá buscal-o á solitaria gruta.  
Nunca mais na tranquilla superficie  
do verde lago que dormita em sombras  
ha-de ir, amante e amada, ao par, unidos,  
o mimoso casal—bateis d'espuma,  
erguendo o cóllo—a recurvada prôa.

Quebrou-se a aza do pudor. Ai! moças,  
nunca aos mundos sidereos, nunca ao orbe  
do amôr sublime podereis erguer-vos.

E'-vos vedado o paraizo. A calma  
das regiões de primavera infinda  
não mais vos ha-de penetrar no seio.

Não mais o vento vos trará delicias  
e aromas do jardim, onde, expontanea,  
cresce, sem murchar nunca, a flor da vida.

## XII

Inda com mostras d'animo agastado,  
lançando um derradeiro olhar de cholera,  
com passo vagaroso, o afflito archanjo  
volve costas ao grupo. Na asperesa  
das brutas brenhas vae gemer seu fado.  
São-lhe socios da dor os duros troncos :  
no sopé d'um se encosta; a raisagem,  
grossa e robusta e negra, a descoberto,  
lhe serve de coxim.

Por entre os dedos  
vê-se-lhe o pranto rebentar a miudo...

Lagrimas tristes, dissipae-lhe a magoa,  
serenae-lhe o rigor do desespero,  
em torrente caudal lavae-lhe o golpe,  
o fundo golpe que lhe rasga o seio.

Bemdictas sois, ó lagrimas; bemdicto  
o refrigerio que verteis suave !  
Quem do vosso cristal sente a doçura  
crê, reclinado em triclinio d'oiro,  
sorver o nectar que enebria os deuses.

D'entre as pezadas sombras do desgosto  
surge a face do archanjo outra vez bella :  
raio de sol incognito lhe aviva  
d'um clarão d'esperança o olhar mavioso.  
Já fita o céo : dos páramos ethereos  
descem rosadas nuvens diamantinas :  
de toda a parte o cercam; de repente,  
o seu femineo, jaspeado, corpo  
desapparece envolto em novas fórmas.

Como um tenue vapor que sae dos valles,  
assim s'eleva magestoso o archanjo

no purpureo sendal das nuvens raras.  
Quanto mais sóbe, a rapidez augmenta!..  
Jardins e montes, florestas, prados,  
tudo na mesma linha se confunde !  
Já o bojo da terra é similhante  
a um punhado d'areia ! O grande frémrito  
do revolto oceano é como a brisa,  
menos que a brisa, menos que um cicio,  
á tarde, entre os myrtaes : já não se escuta,  
de ha muito se perdeu no immenso abysmo,  
onde os mais orbes harmonisam cantos.

O ambito profundo augmenta, augmenta!..  
Se a vóz de Deus dissesse ao homem, sóbe,  
tóma aos hombros d'uma aguia audaciosa  
as negras azas, como a terra longas;  
e sóbe e vem pairar sobre o teu berço,  
entre os berços das rubidas auroras,  
de certo que inda assim o rei da terra  
havia de tremer allucinado,  
e, como um noitibó banhado em sangue,  
inda querendo equilibrar-se altivo,  
inda querendo segurar-se ás nuvens,  
se despenhára no infinito péLAGO,  
se confundira no intangivel golfo !

Tremor, não treme o archanjo: o magnetismo  
de Deus o attráe. Os astros de disfórme  
aspecto pavoroso, o remoinho  
dos cometas de nucleo sanguinario,  
o enxame nacarado das estrellas,  
monstros de luz a vomitarem fogo,  
as mil constellações, abrem-lhe estrada,  
mal lhe sentem o halito divino.

A presença de Deus avulta em rôda.  
Em tudo explende o olhar, o olhar da vida,  
o olhar da creaçao: o Verbo ardente  
inda se escuta; inda se escuta o fiat!  
Palpa-se em tudo a omnipotencia... Em tudo  
justiça e gloria entrelaçaram palmas!

Já do alcaçar do eterno se avisinha  
o meigo archanjo. As cytharas mimosas,  
sempre em concertos, afinadas sempre,  
fazem tremer de jubilo incessante  
o côro dos espiritos. Pavéas  
de rosea luz são cortinado ao throno,  
onde a Verdade aos pés de Deus s'inclina.  
Os oásis mais viridos da terra,

os édens de fragrancia indefinivel,  
os valles de suavissimo deleite,  
não tem bellezas que egualar-se possam  
do sanctuario á formosura externa.

No sagrado ambiente eil-o respira.  
No limiar do magestoso pórtico  
sacóde as leves, roçagantes, azas,  
e o pó da terra se diffunde em oiro,  
do sol da gloria rociado a furto.  
Ao vél-o, os seus irmãos dão-lhe um sorriso,  
hymno mais doce as cytharas entoam:  
os clarins dos prophetas se alvoroçam  
de alegria infantil.

O olhar baixando,  
Deus lhe dirige a maviosa falla :

«D'onde vens tu, ó anjo?.. Acaso a noite,  
a noite horrenda, te colheu nos braços?..  
beijou-te o rosto?.. profanou teu seio?  
A tua essencia destinei-a ao gôso:  
do meu throno o prazer corre abundante.  
Nunca a dôr penetrou n'este recinto.  
Nunca subiu tão alto a mágoa interna.

Nunca a tristeza rociou de pranto  
as vossas flores d'alma. O Jardineiro  
jámais deixou contaminar as rosas.  
Nos ethereos jardins não ha saudades.  
Funereas ramas não distillam choros.  
Nunca a flôr morre, ao procrear seu fructo !  
Dize-me, ó anjo, quem luctou contigo ?  
Que monstro te venceu ? que baba impura  
empeçonhou teu seio ? O raio ardente  
despedirei em furioso tiro,  
e em pó tornado, embalde, o criminoso  
ha-de querer abrir os negros labios,  
e a maldicção lhe fecharei na bôca !»

O archanjo pensativo affecta um riso,  
e beijando os degraus do sólio augusto  
assim responde á voz que o interroga:

«Envolto em nuvens diaphanas,  
guiado por luz serena,  
mais leve do que uma penna,  
desci á terra, Senhor.

Orbes cheios de harmonia,  
como um chuveiro de brazas,  
ensoparam minhas azas  
no seu brilhante fulgor.

«Em toda a parte te acclamam  
Bello, Grande, Omniscente;  
tudo obedece á corrente  
de teu electrico olhar.  
Como golpe gigantesco  
n'um immenso escudo d'aço,  
sôa teu nome no espaço  
e nos abyssmos do mar.

«Teu poder maravilhoso  
se reparte em catadupas  
do solio que infindo occupas  
ao mais humillimo ser.  
Feliz de quem chega aos labios,  
na tua meza divina,  
essa taça alabastrina,  
que nos enches de prazer!

«Mil planetas radiantes,  
de teus pés girando em torno,  
não te bastam para adorno  
do diadema real.

Em grupos phantasiosos,  
as nuvens acastelladas,  
são como franjas doiradas  
do teu docel de cristal.

«Da areia de tantas praias  
pódes fazer bagos d'ouro ;  
o inexgotavel thesoiro  
da sciencia a ti é só.

Nas tuas mãos invisiveis  
mundos e mundos abranges ;  
dos rubros sóes as phalanges  
pódes tornal-as em pó.

«O côro de teus archanjos  
se alegra, quando te adora.  
Os raios da immensa aurora  
são teus sorrisos d'amor.

Quando em teu porphyreo coche  
pelo espaço ethereo giras,  
estremecem nossas lyras  
com tuas glorias, Senhor.

«Desci á patria dos homens,  
desci á terra; lá mesmo,  
tantos prodigios a esmo  
nos dão idea de ti.  
Desde os pincaros mais rudes  
á mais extensa campina,  
teu nome se dissemina,  
teu nome em tudo sorri.

«Embrenhei-me nas florestas  
e, levemente agitadas,  
as folhas mais delicadas  
gotejaram sobre mim.  
Passei a sesta, dormindo  
dos floreos galhos na rede,  
matando ás vezes a sede  
em urnas d'ouro e carmim.

«Que veigas deliciosas !  
que tentação nos pomares !  
que perfumes pelos ares !  
sobre a terra que matiz !  
Nunca, ao pisar o tapete  
da mais macia verdura,  
me feriu a mordedura  
dos traiçoeiros reptis.

«Dos ninhos voluptuosos,  
occultos nas verdes mattas,  
enlevaram-me as volatas,  
seu carpir doce escutei.  
Ao lado das densas brenhas  
passava o leão ufano,  
menos duro que um tyranno,  
mais orgulhoso que um rei.

«Das meigas filhas do homem  
no perfume da innocencia,  
revelava-se inda a essencia  
dos seres angelicaes.

Como eu folgava com ellas !  
como eu folgava, se via  
doce riso d'alegria  
nos seus labios virginaes !

«Mas depressa o grato enlevo  
ante meus olhos se abysma:  
seductor, magico prisma,  
que mão cruel te desfez ?..  
Era um engano a innocencia,  
a virtude um artificio;  
repontava, occulto, o vicio  
sob a flôr da timidez !

«Que mágoa, que funda mágoa  
senti então e inda sinto !  
Profanado o meu recinto,  
quebrado o lyrio gentil !  
No altar, Senhor, que me deste,  
todo em risos, todo ameno,  
achei deposto o veneno,  
em vez das rosas d'abril.

«Sobre as frontes macillentas  
das polluidas donzelas  
vi desfeitas as capellas,  
que o meu cuidado enlaçou.  
E sorriam descuidadas,  
porque o remorso sombrio,  
n'aquellos peitos sem brio,  
mudo foi, mudo ficou.

«Virgindade, virgindade,  
porque preço é que te deste ?  
Teu brilho, joia celeste,  
perdeu, emfim, seu valor.  
Deus, meu Deus, se te enternece  
o pranto que se afervóra,  
restitue já sem demóra  
o sacro véo do pudor.

«Quando sobre o Paraizo  
se extendeu teu gladio acceso,  
Eva, a triste, o deixou preso,  
ao sahir, entre os sarçaes.

Pobre mulher! desde o dia  
do seu tremendo desterro,  
nunca pôde, d'erro em erro;  
redimil-o, oh nunca mais!

«Que vales tu, formosura,  
sem tão sublime realce?..  
Por mais que o mundo te exalte  
nunca do pó te erguerás.  
Piedade, Senhor, bem sabes  
que a mulher é fragil víme:  
seja o látego do crime  
trocado em beijo de paz!»

Disse Deus, sorrindo ao anjo,  
—vigia do pudor santo,  
d'essas azas d'amarantho  
dá, pois, o véo; forma-o tu.  
Abriga, abriga a innocencia!..  
que importa vêr-te a meu lado  
sem esse manto sagrado,  
que envolve teu seio nu?»

### XIII

Ressurges, ó pudor : ressurges virgindade !  
Em novo altar, ó deusa, ostenta a magestade !  
Renasce o teu abril : refez-se o teu rosal !  
De novo o sol te aquece o frio pedestal !

A' voz de Deus, o archanjo exulta d'alegria,  
banhou-se em rosea chuva a sua phantasia...  
tremeu-lhe o coração, ao plácido rumor,  
ao brando suspirar das musicas do amor.

Para onde extende a vista, ha festa em toda a parte;  
nos labios de setim sentiu beijal-o a Arte.

Depois da mágoa immensa—estatua de Memnon—  
ao sol da voz de Deus, sorriu-se o archanjo bom.

Sorriu-se e d'inspirado era o seu riso ardente.  
Que imagem deleitosa a revolver-lhe a mente !..  
que esplendidas visões !.. que magico painel !  
tudo são rosas d'ouro a gotejarem mel !

Eia, a victoria é tua; é tua a c'roa mixta,  
c'roa d'amor e d'arte, imaginoso artista.  
Abriste o amplo thesoiro, o cofre azul do céo,  
e n'um thear de luz formaste o novo véo.

Era manhã na terra, as aves com doçura  
cantavam longo idyllo, á sombra da espessura;  
vinha apontando o sol—immenso rosiclér —  
em leito de verdor, dormia inda a mulher :  
dormia, e os sonhos d'ouro, os da risonha infancia,  
fugiram-lhe, deixando o seio envolto em ancia.

Quando accordou, surpreza!.. aureo vapor subtil  
enchia todo o ambiente. Os zephiros d'abril  
não trazem mais perfume ás candidas boninas.  
Por cima azas curues serviam de cortinas.  
Que bello despertar á sombra divinal  
d'um anjo de pureza! oh goso sem igual!  
Olhos como dois sóes, como dois sóes nascentes,  
reflectem-se a tremer nas pômas tumescentes.  
De garça revolvendo o cóllo de marfim,  
no olhar, a peccadora encontra o Serafim.

Que immensa confusão n'aquelle olhar se exprime!  
«Virá, envolta em oiro, a espada do meu crime?  
Entre auroras — diz ella — ó noite, me virás?»  
Não, a voz não fulmina, a voz quer dizer paz.

«Ergue, lhe diz o archanjo, ergue a manchada fronte:  
tens no meu pranto ardente a milagrosa fonte.  
Não vejas como um raio a ira do juiz;  
chorei sobre o teu crime e Deus quiz o que eu quiz!  
Trago de novo á terra o teu brazão: nobreza  
não pôde haver qual esta; acima da riqueza,  
acima da justiça, acima do valor:  
tem tudo o que ha de grande o véo do teu pudor!»

·Voara em turbilhões a rutila neblina.

Sobre os hombros de neve uma facha argentina  
fôra o mimo do archanjo. Eis a mulher vestal!  
já cheia de candôr, qual lyrio virginal!..

Toma a sagrada facha, envolve-a na cintura,  
dá tres voltas no seio—extranha formosura!—

Ao vêl-a, a natureza, a terra inteira, o mar,  
n'um concerto febril parecem murmurar:

«Ressurges, ó pudor: ressurges virgindade!  
Em novo altar, ó deusa, ostenta a magestade!  
Renasce o teu abril: refez-se o teu rosal!  
De novo o sol te aquece o frio pedestal!»

## XIV

Deus te fadou, mulher; Deus te abrilhaanta a senda;  
tens carta d'alforria, escrava exposta á venda.  
Tens no magico cinto o escudo protector.  
Repelle com orgulho o riso tentador,  
o riso que embriaga e em lubrica demencia  
transmitte o atroz veneno aos lyrios da innocencia.

Foi curta a tua gloria, ó anjo; inda outra vez  
brotou á flor da terra a flor da malvadez.  
Manchou-se novamente o sol da virgindade;  
abriu-se um precipicio; um véo de tempestade  
cobriu de lucto infame a rórida manhã,  
e por traz d'elle ergueu-se o vulto de Satan !

Viu Deus em lucta horrenda espetros famulentos  
e disse—irada a vista—«irae-vos elementos,  
crescei, tumultuae em rudes turbilhões !  
Estale em cada mundo um mundo de volcões !  
Em vórtice medonho, abri-vos, cataractas !  
No ar se afogue o abutre—exemplo de piratas !  
Montanhas allui; na vossa queda emfim  
esmigalhac a ossada á raça de Cain !»

Fez-se noite no espaço e, tudo, em noite immerso,  
com pragas insultava a Alma do Universo.  
A vil soberba em vão se quiz suster de pé;  
tudo rolou, cahiu. A arca de Noé  
apenas dominava os montes subvertidos,  
e á roda só se ouvia um côro de gemidos.

Sahiu da arca a pomba, o mar diminuiu já;  
um hymno de louvor resôa no Ararat:  
á luz crepuscular do sol que a medo brilha,  
Noé sacrificou no altar uma novilha;  
do quente sangue ao cheiro, os tigres e os leões  
lançaram terror novo ás novas solidões !

Inda a terra abalada estava humedecida,  
inda nos vegetaes era embryonaria a vida,  
dos limos do diluvio inda floria o val,  
inda era sem botões o virido rosal,  
e já do homem na mente extincta era a lembrança  
das iras divinaes, da proxima vingança !

Do nascente ao sol pôr, em breve se espalhou  
a tribu que o Senhor da cholera poupou.  
Ferido em seu orgulho, o altivo genio humano  
não conheceu limite ás praias do Oceano.  
Cavou o seio á terra e o ferro lhe extraiu  
e juncto arado e lança á mesma luz fundiu.  
Se a topetar c'os céos erguia um monumento,  
era o sangue d'irmãos o unico cimento !

O raio abrasador desceu mais d'uma vez  
ás cidades do crime e lhes queimou a tez;  
mas nullo o exemplo foi: de dia para dia  
crescia a iniquidade e a cega idolatria  
sacrificava a rir nas aras do impudor  
um resto d'innocencia e um resto inda d'amor.

Dos crimes a torrente augmentava, augmentava!  
rugindo com furor, qual d'um volcão a lava !

Nos cerros da Judeia erguera-se uma luz :  
o sol da redempção fulgia n'uma cruz,  
e, á sombra d'ella, um Deus, o filho de Maria,  
a triste Magdalena em prantos acolhia.

Roma, a cidade rei, na embriaguez tremeu ,  
viu sentença fatal no léma d'um Judeu ;  
sem forças p'ra luctar, ia a cahir no abysmo ,  
salvou-a, inda que tarde, o proprio christianismo.

---

Gigante do presente, onde vaes tu? quem és?  
sentes na tua alma a alma de Moysés?  
ou caminhas errando, entregue ás leis da sorte ?  
Seculo desanove, és bello, és grande, és forte!..  
mas bello e grande e forte em toda a corrupção.  
Maldicta seja a luz da tua illustraçao !

A historia do presente é a historia do passado.  
E' sempre o mesmo o actor; revive transformado.  
O' theatro do mundo has-de ser sempre assim!  
Illudir, illudir, esse o teu sabio fim!

No seio da mulher, lêde o evangelho santo  
do mimoso pudor; lêde, tremeis? que espanto  
é esse que vos toma?

Acaso ferirão  
duas conchas de neve em languida emoção?  
Tem viboras o ninho?..

Oh! o pudor moderno  
abre na bôca um céo e esconde n'alma o inferno;  
seu riso é de sereia, enganaria um Deus;  
nos braços suffocára innumeros Anteus.  
E' forte, é arrojado; a ardente fortaleza  
não lhe sae natural da candida belleza.  
Mais fundo foi beber, desceu ao lodaçal,  
e em vez de vergonhoso, ergueu-se triumphal:  
sonhou doirada gloria—a gloria era bem triste,  
a gloria era o dinheiro—é n'isto em que consiste  
o moderno pudor: vestiu-se d'ouuropeis  
e nobre inda se crê; villão!.. as proprias leis  
protegem com descaro esta hórrida cobiça;  
fez-se escudo do crime o escudo da justiça!

A' meza do soturno e austero tribunal  
vae-se hoje recostar a ebria saturnal,  
e entre o prazer e o vinho, ó céos ! legalisou-se  
—infamia sobre infamia!—o que era immundo, o alcouce!  
Rasgou-se a orla negra á tóga do juiz  
e n'ella um vil diploma ostenta a meretriz,  
e, enquanto a lei dér fôro á maxima impudencia,  
será sempre o teu nome escarneo, ó Providencia !

# NOVO SÓL

CONSAGRACÃO FINAL



# I

O' novo sol, que surges radiante  
do mar em chammas d'este amor ardente,  
amostra ao já cansado viagante  
os doirados balcões do eterno Oriente.

Já sei que existe o céo das maravilhas,  
o céo das infernaes constellações,  
onde chegas, dissipas-se; onde brilhas,  
é Deus que accende os teus subtis clarões.

Bemdicto, ó novo sol, que vens raiando,  
bemdicto, que me encheste de alegria  
e com teus raios acordaste o bando  
dos cysnes que me embala a phantasia.

Já não respiro n'um vapor corrupto,  
ar mais saudavel me floriu d'amor.  
Espera, ó sol, recebe o meu tributo,  
recebe o aroma, pois geraste a flôr.

Minha alma é já fecunda em novos cantos,  
trasborda em ancias d'inefavel gôso ;  
reflecte em si os divinaes encantos,  
que tu lanças no curso harmonioso.

Não me fujas... Tens presa a tua essencia  
ao fogo ardente que arrojei de mim.  
Eu gerei-te da espuma da innocencia,  
não me sejas rebelde, ó cherubim.

O céo do nosso amor não pôde ao certo  
durar um dia só, meu Deus!.. um dia!

Não faças, outra vez, outro deserto,  
sem rosas, sem calôr, sem harmonia!

Não vás alumiar novo systema;  
em outros mundos perderás talvez  
esse magico e santo e doce emblema  
da tua immarcessivel candidez.

Não me arrojes ao cáhos primitivo,  
não me deixes errando entregue á sorte!  
Agora é que eu renasço, agora eu vivo!  
Fôra loucura desejar a morte!

Eu não quero morrer, dissipa a treva,  
que envolverá de novo o coração.  
Se a mão de Deus a ti é que te eleva,  
não sejas tu quem me despenhe, não!

## II

Eu desconheço o fogo de teus beijos,  
serão beijos de morte?.. darão vida?  
darão suaves, humidos bafejos  
á planta do deserto emurchecida?

Quem sabe ao certo o que o Senhor poria  
n'essa carminea bôca assetinada?!  
Feliz de quem provar tal ambrosia,  
nos meus sonhos d'amor imaginada!

D'onde sae a palavra harmoniosa,  
d'onde jorra inspirado o verbo ardente,  
não pôde, oculta n'um botão de rosa,  
surgir traidora a vibora inclemente!

Não ! Não pôde um espirito maldicto  
queimar-te o sobrecéo da bôca d'oiro !  
Não !.. não pôde, que a mente do Infinito  
quiz que tu fosses divinal thesoiro !

Não ! Não pôde um demonio d'aza negra,  
respirar o perfume de tua alma.  
Tudo, ao vêr-te, em redor de ti se alegra,  
tens no teu rosto a lucidez e a calma !

Eu desconheço a magica doçura  
d'um beijo teu — subtil delicadeza !..  
mas assim é que eu amo a formosura  
n'esse extremo d'angelica pureza !

Assim é que te eu quero, ó doce imagem,  
joia d'amor em urna côr de prata ;  
recebe com blandicia esta homenagem  
e acolhe ao seio a minha humilde oblata !

Enxuga, enxuga a planta sem arrimo,  
aquece-lhe o canteiro onde vegeta.

Eu sou todo aridez, dá-me ó teu mimo,  
purifica os meus erros de poeta!

Purifica. Bem sabes não quizera  
outro altar, outro Deus! Teu ser me basta.  
De ti me veiu a luz que regenera,  
de ti me veiu a inspiração mais casta.

Acabou-se o meu canto. E's tu que o fechas.  
De ti veiu e ao teu seio volver hade.  
Quem teu nome buscar n'estas endechas,  
leia em typos de fogo — VIRGINDADE!

# EPÍLOGO



Senhor, inda na lyra sem cadencia  
resta um hymno : é dever que t'o consagre.  
Faze a luz em minha alma, s'inda é noite,  
Senhor, faze um milagre !

Na mente irrequieta  
eu sinto a omnipotencia,  
a omnipotencia tua...  
A chamma do Infinito  
referve, tumultua,  
n'um sopro ardente me erguerá poeta !

Bem sei que sou proscripto,  
como do pão d'extranho em terra alheia...  
Bem sei; que importa? Mudarei de fito?  
Oh! nunca, nunca, aberrarei do fôco,  
do fôco immenso da suprema ideia!

Senhor, Senhor, cóbre a nudez d'esta alma,  
olha em rôda de mim, Senhor, que vês?  
Rebenta o goivo onde medrava a palma!  
Orvalha o chôro a paternal viuvez!

Ha tanto morta e inda é recente o lucto!  
E' d'hoje ainda a perennal saudade!  
Nasce o pranto, do pranto nunca enxucto!  
Olha em rôda de nós, Senhor, piedade!  
Vês riso?.. é dôr... é riso mentiroso.  
Vês fogo em cada olhar? vês mocidade?  
Apparencias... meu Deus! não sente o gôso  
queim vive no silencio da orphandade!

Amo, Senhor, amei; o philtro ardente  
não me matou a sede primitiva.

Onde encontrar o doce emoliente  
que abrande o fogo á chaga rediviva ?!

O rio dos amores  
corre em doirado leito,  
sob um docel de flores:  
quem sente a arfar no peito  
o estimulo das dôres,  
não sabe descobril-o,  
não pôde, em vão quizera,  
penetrar nos mysterios d'esse Nilo,  
tão cheio d'opulencia,  
tão mimoso d'infinda Primavera !

Viver sempre na ausencia !  
Fatal separação que não tem nome !  
Oh ! crua dependencia !  
Martyrio indecifravel, que consóme  
todo o vigor d'um seio !  
Vide rojada ao chão, partido o esteio !  
Dôr que não tem no mundo outra dôr gemea !  
Saudade sem motivos d'esperança !  
Quem podéra esquecer-te, oh ! não, blasphemea ! ..  
Não, não pôde ficar adormecida,

um instante sequer — maldicto instante —  
a suave e gratissima lembrança  
de nossa bôa mãe, santa querida !

Que vês tu mais, Senhor?.. olhos divinos  
attentae n'este quadro com doçura.  
Oh ! não nos deixes requeimar os labios  
na taça da amargura !

Que vês?.. Na téla opáca  
— mãos de neve enleadas na cintura —  
um grupo se destaca  
de nitida e suave formosura...  
dous typos de belleza,  
revelando, porém, n'essa candura  
as magoas da saudade e da tristeza !

Ambas tem longas tranças ondeantes,  
umas são côr da noite, outras côr d'airo,  
lustrosas, scintillantes,  
e bastas como as ondas em marulho.

Senhor, eu tenho orgulho  
de me chamar irmão d'estes dois anjos.  
Beijei-as no bercinho,  
beijei-as no regaço  
da mãe, que nos sorria com carinho  
e nos cingia n'um commum abraço !

Protege-as tu, Senhor...  
são pombas sem abrigo.  
No mundo ha tanto açôr!  
ha tanta tentação!.. tanto perigo!  
Não sejas, pois, escasso,  
não sejas tão mesquinho,  
que negues teu amor  
ás rosas sem espinho !

Nos dias tormentosos,  
quem hade resguardar  
dois corações a palpitar anciosos?  
Quem hade ser o anjo do seu lar?  
Na turbida voragem,  
quem hade ser a vela da esperança?  
o lume sacrosanto?  
a estrela da romagem?  
o porto da bonança?

Eu amo-as tanto, tanto !  
Sinto-me presa a alma nas raizes  
de tão sublime affecto.  
Quizera-as vêr felizes,  
quizera-as vêr sorrindo,  
casal de pombas no seu ninho quieto,  
as brancas azas sem temor abrindo !

Mas no entanto, Senhor, eu nada valho,  
alguem m'impelle ao boqueirão do abysmo:  
em vão me purifico no baptismo,  
no segundo baptismo do trabalho.

O manto do poeta  
não serve de agasalho.  
E' capa de mendigo,  
é arvore sem sombra e sem verdura !

Dá-lhes, portanto, abrigo,  
dá-lhes, Senhor, ventura.  
Reparte só comigo  
a taça da amargura ;  
que se embriaguem elles  
no nectar da alegria !

Meu Deus! meu Deus!.. se eu visse acaso um dia  
nas faces amarellas  
—signal de penitencia—  
o pranto que descobre  
a queda da innocencia!..

Se acaso a Magdalena arrependida,  
que me viesse a carear perdão,  
caindo aos pés, na phrase dolorida,  
dissesse, a medo, sem querer, *irmão!*..

Desvairo, quando scismo,  
se terei d'accusar-te, ó Providencia;  
porque deixaste resvalar no abysmo  
quem sómente era rico d'innocencia!

Não queiras que ao soltar a audaz blasphemea,  
como fera raivosa, aguce os dentes !  
Não me ponhas, Senhor, dentro do seio  
um irascivel ninho de serpentes !

Maldicto seja o canto,  
este canto de rustica belleza,

se um dia, em premio, só tiver o pranto,  
o pranto da impureza!

Maldicta sejas tu, ó poesia,  
maldicta a tua crença e a tua fé,  
se eu tiver de sentir um dia a magoa,  
a dôr de Triboulet!



Confio em ti, meu Deus; pura e brilhante  
rompe a noite ao clarão dos teus planetas.  
No céo, o amôr dos astros—o gigante !  
Na terra, o amôr captivo—o das violetas !

Se a noite é bella, inda mais bellas, creio,  
hão-de raiar as placidas manhãs.  
Accende a dupla aurora no meu seio !  
Tenho dois sôes, Senhor, minhas irmãs !

(Anno de 69).

FIM.

# AS AGUIAS

---

AO MEU AMIGO, O DISTINCTO POETA

*V. Pinto Ribeiro Junior*



# I

Diziam-lhe as aguias negras,  
ao roçarem-lhe a cabeça:  
—«Caminha, vae, que te importa  
que cedo ou tarde enoiteça?»

«Caminha, vae; quem se acoita  
do seu passado ás ruinas  
é como o ebrio que dorme  
no seio das Messalinas.

«Caminha, vae; quem não perde  
o medo proprio do pomba,  
não sabe que cada Oceano  
tem um Gama ou um Colombo.

«Caminha, vae; não duvides.  
Que idea te preoccupa?  
Não pôde ser debil gota  
quem deve ser catadupa.

«Caminha, vae; não é cego  
quem, preso ás rochas da praia,  
nos segue com a vista ousada  
té aos cimos do Hymalaia.

«Caminha, vae; deixa á cobra  
rojar a pelle entre os mattos...  
Tu eleva-te ás estrellas  
nas azas dos aereostatos.

«Vae, caminha; accorda ao silvo  
das negras locomotivas;

deixa ás aves agoireiras  
as sombras meditativas.

«Caminha, vae; o infinito  
não pôde fugir de certo  
a quem sabe a conta aos astros,  
a quem mediu o deserto.

«O infinito !.. Não consulta  
nova sibyla de Cumas  
quem absorve a chamma ao raio,  
quem corta ao mar as espumas.

«O infinito é a chamma intensa  
com que o mundo inteiro abrazas !  
O infinito é essa rede  
com que nos prendes as azas !

«Contem-se dentro do crâneo !  
O infinito é a tua ideia !  
Pertence-te o Capitolio,  
a nós a rocha Tarpeia !

«Ergue a fronte!.. que mão negra  
podéra amaldiçoar-te?  
Lês por ventura um anathema?  
Quem, pois, o escreve? em que parte?»

«Nós que fitamos impavidas  
do céo a esplendida crusta,  
entre os orbes luminosos  
nenhum corpo nos assusta.

«Só baixando o olhar faminto  
ás sombras que a terra só meia  
trememos, vendo um espectro,  
e esse espectro és tu, ó homem!»

## II

O homem, que mudo ouvira  
este côro, erguendo o braço,  
como quem d'um sonno accorda  
volveu aos monstros do espaço.

«Eu scismo, perante as rugas,  
com que a ideia a fronte avinca,  
vos curvaes, como se eu fôra  
sol diante d'algum Inca.

«Quanto dera, se ignorasse  
esta lucta fratricida,  
que é da ideia contra a ideia,  
que é da vida contra a vida !

«Eu scismo; se vós soubesseis  
que o raio que me alumia  
só accende n'alma as paginas  
d'um poema de agonia,

«não dissereis—«porque scismas?  
porque não ergues a vista?»  
Nem todo o homem que pensa  
póde egualar o Baptista!

«Porque scismo?.. Scismo e lucto  
com invisiveis colossos,  
que me estrangulam os membros,  
que pulverisam meus ossos.

«Eu scismo e a scismar doudejo,  
qual se amara Pythonisa,

que me nega o seio amante,  
que me nega a fronte lisa.

«Eu scismo e o vulto que fórmo  
ora apparece, ora fóge,  
como o oceano de Venesa,  
beijando os paços do Doge.

«Que admira, pois, que eu scisme,  
se vós que roçaes os céos,  
que aspiraes de Deus o halito,  
jámais conhecéis a Deus!»



# ПОСЛЕСЛОВИЦЫ

СЛОВАРЬ СЛОВОСОЧЕСТВОВОГО МАТЕРИАЛА

## ЛЕНТАЧКА С ВАРГО

Лентачка с варго. — Слово, введенное в русский язык из языка народов Сибири. Оно означает «зимний снег», «зима».

## А ГРЯНДА

А грянда. — Слово, введенное в русский язык из языка народов Сибири.

А грянда. — Слово, введенное в русский язык из языка народов Сибири. Оно означает «зимний снег», «зима».

# O ANJO DO PUDOR

Preço avulso..... 300 reis.

---

## OBRAS D'ALBERTO PIMENTEL

---

<i>Joanninha</i> , poema, seguido da <i>Nereida</i> , poemeto.....	300 reis.
<i>Rosas brancas</i> , poemeto.....	120 »
<i>Lyra civica</i> , poesia anti-iberica.....	80 »
<i>Contos ao correr da penna</i> .....	240 »
<i>Porfia no serão</i> , poemeto.....	240 »

---

## A GRINALDA,

PERIODICO DE POESIAS INEDITAS.

Este periodico, unico no seu genero em Portugal, impresso com todo o esmero e luxo, vae actualmente no 6.<sup>o</sup> anno da sua publicação e pôde-se considerar como o moderno cancioneiro da poesia portugueza.

Assigna-se em casa do proprietario e redactor, J. M. Nogueira Lima, rua das Flores.





UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 02833 7833

